

A RELIGIOSIDADE DA CRIANÇA PEQUENA

Marta Heimeran

Texto originalmente publicado no Periódico nº 52 da FEWB em abril de 2011

A “criança-igreja ambulante”

O ser humano adulto habita o seu corpo como uma casa - apesar de algumas vezes também poder estar “fora da casinha”. É necessário voltar-se ao seu interior e escutar atentamente, quando estiver à procura do mundo divino. Apenas lá é possível vivenciá-lo como realidade atuante. Aquele que procura pode ter surpreendentes observações nesse âmbito. Especialmente pode-se perceber como a imposição que a vida terrena nos traz nunca ser capaz de nos impedir o acesso ao mais íntimo. Somente nós próprios temos a chave para ele. Aquele que começa a dizer “sim” a seu destino, quando mais pesa, e se auto educa e mesmo começa a amá-lo, conseguiu a coragem para a busca interior. Ao mesmo tempo vivencia como uma porta secreta se abre. Ele descobre uma força singular impossível de conseguir de outra forma. Os primeiros inícios já começam a se manifestar quando nós abrimos mão de um pensamento que nos é caro e nos abstermos dele pela vontade de uma compreensão maior, ou declinamos de uma posse por motivos interiores. Esse movimento interior presenteia ao homem, a cada momento, novas forças vitais como o início da vivência de uma manhã de Páscoa. Com isso ele encontra o Ressurreto - a Sexta-feira Santa e a Páscoa na vida anímica.

Para poder ter essas vivências interiores o ser humano constrói para si templos e igrejas. Ele, até de certa forma, se isola da natureza, para então sossegadamente poder olhar para o seu interior, para encontrar Deus. Pois o mundo exterior, no decorrer do tempo, não traz mais revelações para o adulto, se na alma não estiver realizando o nascimento de Deus — do Deus *Filho* — lhe permitindo o acesso espiritual. Diferentemente a criança se aproxima da divindade. Sente-se em casa na natureza ilimitadamente e reage contente com sua força vital. Os adultos, querendo acompanhá-la nessa unido com a natureza ou até se antecipar, precisam retrair-se em si próprios ou então, por causa da comunidade, ir para a igreja. Unicamente pelo Deus dentro de si próprio pode o adulto unir-se aos fundamentos divinos do mundo, se ele se orientar segundo o conselho daquele que anuncia: *“ninguém chega ao Pai se não por mim”*. A criança, porém, ainda está inteiramente ligada aquele mundo do Deus Pai. Sentindo pouco a pouco o corpo condensar-se, o organismo como um todo se torna mais impermeável para as forças criadoras divinas, até o ponto em que criança se habituou dentro da estrutura óssea. Só agora ela alcança a predisposição para uma vivência daquele que superou a morte, o Filho de Deus. Esse momento coincide com o período da maturidade. Com a maturidade sexual também é dada a base natural para a primeira comunhão e a confirmação.

Muito podemos aprender da criança quando, depois de muitos esforços pela compreensão da ressurreição, começamos a pressentir, a compreender um pouco a existência do mundo da vida pertencente ao limiar da morte. A luz de tais forças de vida novas dadas por Cristo, passamos a compreender corretamente as forças presenteadas pela natureza, - que desde os primórdios suportam a Terra e o Homem e — como vemos — determinam, sobretudo, os primeiros sete anos de vida. E no ritmo da natureza que a criança pequena mais se sente bem, pois vivência na natureza ingênua um resto do paraíso, no qual pode brincar despreocupadamente. A segurança que brota em nós diante da realidade da Páscoa ajuda-nos até a nos tornarmos guias para os pequenos no seu maravilhoso reino da natureza. Transformando a observação da natureza em uma forma de culto, a criança pequena sente confirmada amorosamente sua inclinação para as belezas da Terra. Em toda a parte e em todas as coisas, sem esforço a criança pequena pode sentir-se no âmbito divino. Independendo do lugar e do tempo acendem-se e formam-se seus sentimentos religiosos, pois a sua casa divina é a multiplicidade da Terra inteira. Assim o poeta Jean Paul encontra o

essencial quando ele, a partir da ciência educacional, fala da “criança-igreja ambulante”. Tudo para ela quer se transformar em tijolo de construção dessa “criança-igreja ambulante”. O adulto precisa introduzir “os nomes” das coisas nesse estado da criança de alegrar-se e envolver-se com a natureza. Dessa forma, através da criação, ele conduz cuidadosamente a criança para a tarefa do ser humano de decifrar em tudo a palavra divina escondida.

*“Dorme uma canção em cada objeto,
Que lá sonha, sonha sempre,
E o mundo começa a cantar,
Se a palavra mágica consegues desvendar.”*

Eichendorff

Não basta admirar cada coisa como “bela” ou também “sabia”, porque rapidamente cai-se no perigo de se aproximar demais do sentimental. A partir do sentimento de veneração queremos observar atentamente a pedra, a planta e ir em busca do seu verdadeiro nome. Dessa maneira podemos fazer com que a criança intua que atrás de sua beleza e sabia natureza atuam elevados seres divinos. Essa postura exige do educador não menos do que uma busca observadora ininterrupta pelo espírito de Deus.

Uma tal educação religiosa não precisa restringir-se a caminhadas e passeios onde há nuvens esvoaçantes, pérolas de chuva, o canto e o voo de um pássaro ou a dança de um mosquito, a delicada graminha entre as pedras ou a flor voltada para a luz, sempre novas descobertas. Esse rico mundo também se encontra em nossa casa, num raio de sol na parede, na abelha em busca de mel, na forma engraçada da batatinha. Dentro da cenoura está escondida uma estrela bonita, mesmo que tenha crescido na terra dura! As folhas no repolho tendem a se juntar como se estivessem com frio. É engraçado como rolam as ervilhas e o limão amarelo é perfumado, agradável é o cheiro do pão fresco. Às vezes as crianças têm um maior acesso aos animais do que às plantas e eles, não menos, pertencem à revelação divina para a criança. Mesmo em nossa época tecnicista, motorizada encontramos uma série de animais no âmbito caseiro da cidade. O pelo macio ou arrepiado do gato e do cachorro, sua forte dentadura, como andam, pulam; a delicada rede da aranha e o zumbido da abelha em torno do ramalhete de flores do verão dão oportunidades para a observação com veneração. Mas ao lado dessas pequenas percepções não pode faltar o mais majestoso: o levantar do sol, o trovão, o raio, a tempestade que acoita as árvores, um terrível desastre ou uma notícia triste. Todas essas vivências podem levar para a criança a majestade do Senhor sobre tudo o que é vida.

Há ainda algumas indicações, que naturalmente podem ser diversificadas e aplicadas muito mais detalhadamente: o amarelo se assemelha ao sol quando ele manda os seus os raios para fora e chega também aos recônditos mais discretos, iluminando-os. Ao anoitecer o irradiar se transforma num silencioso luzir. Quando o sol se põe e de manhã novamente se eleva da escuridão da noite, perpassa o lusco-fusco um vermelho incandescente. Assim também brilha a rosa a partir de dentro. Todo vermelho sempre gostaria de vir em nossa direção. Como chega a nós o vermelho da papoula, assim que, a princípio, quase não percebemos as centáureas azuis no campo! As flores azuis gostam de se ocultar como os miosótis ou a Violeta. No alto se abaúla o firmamento azul sobre nós. Quando olhamos para cima, podemos respirar especialmente fundo. Um pouco dessa amplidão podemos perceber quando estamos, lá em casa, num quarto pintado de azul; num vermelho, ao contrário, sentimo-nos mais apertados, mas em troca sentimo-nos bem mais quentinhos.

No azul encontramos as montanhas distantes, no azul se amplia o mar. Que alegria, quando ao pintar, o azul silencioso e o alegre amarelo se encontram! Azul e amarelo, os dois se presenteiam mutuamente e surge algo novo, o verde. E incansável olhar-se para o succulento verde do prado. O verde fica no meio do arco-íris como se tivesse de segurar todas as outras cores. Na

raiz torta deveríamos também ficar tortos e na pétala harmoniosa da rosa, sentir-nos no equilíbrio ou erguer-nos a vista do alto pinheiro. Então também a criança vai se permear com esses fenômenos. A qualidade do espinhoso do cardo e do zimbro, a pele lisa e redonda das ameixas, a ponta de um espinho, o estilhaçamento da árvore atingida pelo raio, o ninho macio do passarinho ou a pedra estilhaçada, a almofada aveludada do musgo, a maciez da lã de carneiro e o peixinho nacarado num lago - tudo isso pode transformar-se em vivências felizes movimentadas na alma. São alguns exemplos que podem ser adaptados, transformados e ampliados para crianças, para o momento, adequados as próprias possibilidades e ao lugar. Pretende-se com isso apontar para a tentativa de abordar a essência de um fenômeno da natureza e abordar as crianças no anímico espiritual.

Quão diferentes são essas vivências do que aquelas que uma criança pequena tem, por exemplo, assistindo ao cinema. O tremer estático, mecânico, a simulação do movimento que não é, impregnam-se, naturalmente inconsciente e por essa razão atuando de forma perigosa, nas profundezas do pequeno ser destruindo delicadas possibilidades de vida, sim, predispondo para doenças futuras. Uma abundância de pequenas coisas, que acompanham a existência de forma imagética, nos traz o transcurso do dia. Os afazeres necessários tornam-se menos repetições mecânicas tediosas quando neles se percebem imagens de processos espirituais. Assimilam então algo de significado cômico. Mesmo assim vai se buscar passar o seu dia despreocupadamente, da mesma maneira como ninguém, de forma sadia, pode viver de forma religiosa se nunca teve coragem de rir.

Sempre é novo o momento do *acordar*. Às vezes é cauteloso e amoroso, outras, manhoso, geralmente a criança sadia abre o dia radiante e de preferência barulhenta. Gostaríamos de lembrar as palavras de Ariel no Fausto de Goethe: “Tamborila, trompeja..., que estrondo traz a luz!” O acordar da criança se assemelha ao nascer do sol. Seu delicado corpo dificilmente oferece resistência a alma que retorna. Diferente do adulto que precisa frequentemente travar uma luta com seus membros endurecidos, antes de se encontrarem à sua disposição. A realidade do acordar, que para nós significa cada início do dia como para a Terra o nascer do Sol, é a imagem de todo o desenvolvimento espiritual que avança mais e mais do estado de sono para o estado de vigília. Uma palavra certa ou uma boa frase no acordar da manhã não só ilumina o dia inteiro, mas abençoa tudo o que acorda.

O *acordar* é o milagre diário com novas responsabilidades. Como um constante guardião atua esse erguer-se da horizontal para dentro da vertical. Segue o vestir-se. O Homem, de certa forma, realiza no visível o que acontece de forma invisível. Seu “Eu” penetra agora em seu involuço. Esse involuço não só consiste do corpo físico, de cujos olhos o “Eu” olha o mundo, porém pertence a ele o corpo vital, como no início já foi abordado. Esse, em verdade, trabalha de forma mais irregular nas batidas do coração e na respiração quando o “Eu” está presente, do que na noite, quando ele realiza seu trabalho de reconstrução sem interferência. A alma se assemelha a uma roupagem de variadas cores, com as quais o “Eu” se envolveu. E isso é o mais observável na busca de melhorar uma qualidade anímica. Pois a alma com as suas vantagens e desvantagens não é o “Eu”, é muito mais o seu involuço. Sua alma, seu corpo vital e o corpo físico o homem veste da mesma forma como penetra em sua *roupagem*. O vestir-se, portanto, não é a coisa tediosa, com que muitos se incomodam nessa necessidade diária, mas é muito mais fiel sinal de uma realidade espiritual, um ato imagético. Seria um trabalho elucidativo observar a história da alma humana fazendo a leitura por meio da forma de se vestir, em vez de por meio de seus filósofos.

Como a criança ainda vive num estado paradisíaco, *o ato de vestir-se* ainda guarda em si algo comovente, independente de ser realizado pelo adulto ou pela própria criança, acontece bastante desajeitadamente. Sente-se: mesmo que você tenha ainda parte na própria natureza, terá de aprender a desenvolver o teu próprio involuço. Por esse motivo se deveria fazer para a criança pequena roupas, se possível, com poucos “recortes”. Pois a criança anímica-espiritualmente

também ainda tem uma estrutura pouco detalhada... É absurda a maneira como crianças por meio de suas roupas são carimbadas como pequenos adultos. “Ternos para cavalheiros” e “vestidos para damas” para os pequenos muitas vezes têm a atuação não intencional de “remodelar” as almas das crianças mais cedo do que o normal.

O nosso hábito de nos *lavar* com tanta frequência não era habitual em tempos passados e não é em alguns lugares da Terra. A limpeza transcorria como um ato sagrado. Para nós resulta o banho da higiene diária ou um banho de chuveiro, no qual seguramente não se manifesta apenas o desejo de livrar-se da sujeira, mas também, o contato com o elemento vivo para as pessoas da cidade grande, longe da natureza.

Para os pequenos que ainda estão aparentados com a água, pode o banho ou o lavar se tornar uma festa alegre. A alegria é tanto maior, quanto menor a criança. Mais tarde prefere brincar com água, pois o desejo pela higiene, de qualquer maneira, nem sempre está em primeiro lugar. Porém é possível despertá-lo, pouco a pouco para mais tarde, para a vida interior, quando, por exemplo, nós nos alegramos com ela, como uma mãozinha suja tornou-se uma mãozinha limpa. Para isso encontramos, como para quase todas as atividades infantis, um versinho adequado em palavras ritmadas acompanhando alegremente a atividade.

A revelação divina está mais próxima da criança nas refeições ao *comer e beber*. Aqui o entorno penetra o mais profundamente no pequeno ser humano. Até a ponta dos artelhos do pé ele se regozija ao tomar o leite materno. Dedos e olhos devotos bebem juntos, pois o comer aqui nado é apenas uma questão gutural ou do estômago, porém o corpo inteiro come e bebe as dádivas de Deus. A comida como vivência torna-se para a criança um passo para dentro do mundo da corporalidade. Um bem-estar sem igual se expressa cada vez quando assimila alimentos. Para a criança é bem essencial o que come. Nesse caso é possível poder se guiar - porém, com medida e meta - pelo paladar ainda puro da criança pequena... Só pouco a pouco o significado da assimilação de alimentos deixa de ser de primeira importância, mas continua sendo um processo anímico relevante, considerando-se a grande transformação que se realizou desde o começo da maçã do paraíso até o pão no altar.

Qualquer *prece antes da refeição* nos faz contermo-nos por um instante antes da assimilação do alimento. E um, mesmo que muito delicado, tornar-se consciente de sermos um ser humano, que realizamos em conjunto. Geralmente é um agradecimento que se expressa nas palavras. O ato de agradecimento acontece. Graças à bondade divina que nos sustenta, graças à natureza que nos presenteia de seus tesouros, graças também àqueles que prepararam o alimento. O pequeno poema de Cristiano Morgenstern, bem apropriado para crianças, inclui no agradecimento toda a Terra e o Sol. E vai além, o agradecimento cresce em direção à promessa que os dois vão morar na nossa alma.

*“Terra, que estes frutos deu,
Sol, que os amadureceu,
Nobre Terra, nobre Sol,
Jamais os esqueceremos.”*

Nessa direção, porém bem mais expressivos, Rudolf Steiner deu outros poemas para as refeições, para os quais queremos chamar a atenção. Suas palavras apontam para os alimentos como resultado dos processos de germinar, brotar e amadurecer. Antes de tomarmos os alimentos, das mãos à boca cresce o agradecimento enquanto recordamos como ele possibilita a alma o germinar, brotar e finalmente amadurecer. O ser humano no limiar entre natureza e espírito - a imagem primordial do ser humano se objetiva, portanto, independente de situação momentânea.

“Germinam as plantas na noite na terra,

*Crescem os brotos pela força do ar,
Amadurecem os frutos pela força do Sol.
Assim germina a alma no relicário do coração
Assim cresce o poder do espírito na luz do mundo,
Assim amadurece a força do Homem no fulgor de Deus.”**

**(Extraída de “As máximas” GA 40)*

É natural que uma criança pequena não entenda essas palavras, porém inconscientemente é tocada em sua alma.

Em seguida talvez nós nos demos as mãos conforme um hábito antigo, fazendo um círculo em volta da mesa e antes de tomar o nosso alimento em conjunto falamos: “abençoada refeição”.

Uma certa preparação já antecedeu paralelamente ao lavar as mãos também na forma como se fala sobre a comida. Alguns vão preferir, no lugar de um poema com as próprias palavras, agradecer as raízes, as flores, ao sol e à chuva que tudo deixaram crescer. Outros talvez gostariam de agradecer as fontes que jorram água para nós, ou então, as galinhas e as vacas. É bonito poder acompanhar em pensamentos o padeiro ou o lavrador, que levantam bem cedo de manhã para fazer o pão para nós e ordenhar vacas. Em tudo isso temos que ser criativos, então se une à alegria no comer a gratidão e a veneração, assim, junto com o corpo, também a alma é alimentada.

Um momento muito importante para toda educação religiosa é aquele do adormecer da criança. “Como adormecemos, acordaremos”. Quando a criancinha está limpa e sossegada na caminha, não são necessárias muitas palavras, sim, até poderiam oportunamente ir para a cama sem a prece noturna. A forma e a maneira como a mãe deseja “boa noite” para a criança, como ela reconta brevemente os acontecimentos do dia, como ela põe a mão sobre a cabeça da criança ou encerra as mãozinhas nas suas, como ela entrega aquele ser a ela confiado ao mundo dos anjos à noite, tudo isso prepara a criança para um sono protegido. Às vezes surge nas palavras infantis ainda um acontecimento, que aparentemente escapou, ou uma malcriação é relatada. Essa delicadeza nós não queremos corrigir com admoestações, porém, estimulá-las e saná-las por meio do ouvir desprendido. Tais pequenos acontecimentos nos ajudam a levar a criança humildemente a atravessar o limiar para dentro da noite. Alguns pais preferem concluir a conversa da noite pronunciando o nome completo da criança. Preparar de tal maneira o atravessar do limiar ha de ressoar em toda a vida futura.

Nós fechamos o dia de forma mais atuante com uma prece da noite adequada, pois “se aprendemos a rezar corretamente enquanto criança, quando anciãos podemos abençoar corretamente”, diz Rudolf Steiner, que nos presenteou com uma linda prece da noite para as crianças:

“Da cabeça aos pés

Sou a imagem de Deus.

Do coração às mãos

Sinto o sopro de Deus.

Se falo com a boca,

Sigo a vontade de Deus.

Quando Deus eu avisto

Em todas as partes,

Em meu pai e em minha mãe,

Em todas as pessoas queridas,

No animal e na flor,

Na árvore e na pedra,

Não sinto medo de nada;

Só amor a tudo,

Que está ao meu redor.”

Rudolf Steiner

* Extraído de “Preces para Mães e Crianças”.

O que é adequado às crianças nunca se encontra próximo do sentimental; mas se encontra tanto mais perto da plena verdade. Raras vezes algo é “difícil demais” para a criança, pois não depende de que assimile pensamentos, porém, que tenha parte de um caminho interior. Da mesma forma que não é necessário dizer para uma criança: ‘isso você ainda não entende!’ Depende de nós encontrarmos a forma para aquilo que a criança quer saber. A relação correta para ela é decisiva. Por essa razão nós podemos escolher oportunamente um poema apenas por causa do ritmo.

“Quando crianças pequenas oram

Todos os anjinhos prestam atenção,

E as estrelas todas silenciosas se aproximam

Com os seus sapatinhos dourados,

Da criança espiando as palavras,

E as guardam fundo em seu coração,

As levam pelo portal celestial,

Para o querido Pai do Céu.”

(Poema popular)

Se a criança ainda for pequena talvez se movimente durante a prece e “não preste atenção.” Talvez até brinque com as mãozinhas, abrindo e fechando, em vez de ter as mãos postas. Não

podemos esquecer que ao juntar as mãos, ou entrelaçando-as o ser humano percebe-se a si próprio. Com isso ele fecha o seu próprio círculo. Não poderia o brincar com suas mãos também ser um tatear de seu próprio ser? Isso de maneira alguma precisa interferir na situação de devoção. Porém, nós próprios, de modo nenhum, devemos permitir que sejamos perturbados. Porque também aqui, mais do que das palavras tudo depende da manifestação interior do adulto.

A oração quer envolver a criança num ambiente de paz. Mesmo que os anjos não sejam mencionados, a prece sempre deveria atuar de maneira a suplicar para que o anjo da guarda receba a criança em seu reino. Essa é a meta dos pais para a noite, cuja rica tarefa está terminada para esse dia. Agora entregam a criança aquelas forças, cuja obra, desde o nascimento, estão buscando levar em frente.

Cada um que é responsável por crianças, à sua maneira deveria estar buscando desvendar em toda parte o nome de Deus e espalhar através disso uma atmosfera feliz. Goethe conta em “Poesia e Verdade”, que ele até “aos sete anos se ateu ao primeiro artigo de fé”. O conteúdo do primeiro artigo de fé é o pai divino, que pode ser sentido na primeira infância como derramado em toda natureza. No segundo setênio acontece paulatinamente a passagem da vivência inconsciente para a vivência consciente da atuação do pai divino.

Como prece matinal Rudolf Steiner deu os seguintes versos*:

“A luz do sol, Passada a noite Vai clareando o dia. A alma acorda Com força nova Do sono que dormia. Tu, minha alma, Dá graça pela luz, Pois dentro dela, O poder de Deus reluz. Tu, minha alma, No dia a ressurgir, Sê capaz de agir”	‘Der Sonne Licht Es helt den Tag Nach finsterer Nacht. Der Seele Kraft, Sie ist erwacht Aus Schafes Ruh. Du meine Seele, Sei dankbar dem Licht; Es leuchtet in ihm Des Gottes Macht; Du meine Seele, Sei tüchtig zur Tat.
--	--

Rudolf Steiner

Nós adultos temos que primeiramente descobrir no nosso interior a fonte de todo o calor e toda a luz. Vive em nós o “Nome de Deus”, o ‘Eu’ que na língua alemã é formado pelas iniciais “Jesus Christus”, “ICH”. Por meio desse nosso nome humano podemos reconhecer o nome divino como auxílio e guia das crianças na variedade da natureza. Assim a “criança-igreja ambulante” também há de contribuir na obra da igreja invisível em formação do Cristo Jesus.

* *Rudolf Steiner: “Orações para Mães e Filhos” da palestra de 02/02/1915: “A Vida entre o Nascimento e a Morte como Espelhamento da Vida entre a Morte e o novo Nascimento”.*

A autora: Marta Heimeran é pastora da Comunidade de Cristãos.